

Artigo acadêmico: a construção de significados interpessoais

Academic article: interpersonal meanings construction

Cibele Gadelha Bernardino*
Universidade Estadual do Ceará
Fortaleza - Ceará / Brasil

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo central analisar como, na área de Linguística, os(as) autores(as) de exemplares do gênero textual artigo acadêmico constroem significados interpessoais de posicionamento avaliativo ao produzirem seus textos. Como delimitação desse objetivo central, esta pesquisa busca mapear e analisar os adjuntos modais (HALLIDAY, 1994) realizados por advérbios simples que, de forma mais relevante, constroem os significados interpessoais de posicionamento e avaliação do(a) pesquisador (a)-autor(a) na produção de exemplares do gênero artigo acadêmico na área de Linguística e, ainda, verificar comparativamente como esses adjuntos modais se apresentam em exemplares de artigos experimentais, artigos teóricos e artigos de revisão de literatura.

PALAVRAS-CHAVE: artigos acadêmicos; significados interpessoais; autoria.

ABSTRACT: The present article aims to analyze how the authors of academic textual genre article, in Linguistics field, construct interpersonal meanings of an evaluative positioning to produce their texts. As delimitation of this major goal, this research aims to outline and to analyze the modal adjuncts (HALLIDAY, 1994) performed by simple adverbs that, on a relevant way, build the interpersonal meanings of positioning and evaluation from author researcher on production of academic genre article example, in the Linguistics field. Another aim of this article is to examine relatively how these modal adjuncts appear in some journals of experimental articles, theoretical articles and literature review articles.

KEYWORDS: academic articles; interpersonal meanings; authorship.

* cibele.gadelha@hotmail.com

Introdução

Os estudos sobre como pesquisadores(as) constroem posicionamentos e avaliações quando da produção de textos acadêmicos têm crescido consideravelmente. Alguns(mas) pesquisadores(as) já envidaram esforços para investigar essa questão, olhando-a a partir de pressupostos teóricos e metodológicos distintos. No cenário internacional cito, sobretudo, na vertente anglo-americana de estudos, os trabalhos de Crompton (1997), sobre o uso de *hedges* em escrita acadêmica; de Hyland (1998, 2000), a respeito do uso de *hedges* e *boosters* como mecanismos de negociação entre membros de uma área disciplinar; de Varttala (1999), acerca do uso de *hedges* em artigos de divulgação científica; de Myers (1999), sobre a pragmática da polidez em textos acadêmicos, de White (2003), sobre marcadores dialógicos no texto acadêmico, entre outros.

Quanto ao cenário brasileiro, contemplando vertentes distintas, chamo a atenção para os trabalhos de Coracini (1991), que busca analisar marcas textuais indicadoras da subjetividade da autoria a partir dos pressupostos teóricos da Linguística da Enunciação; de Figueiredo-Silva (2001), sobre o ensino do uso de atenuadores em escrita acadêmica; de Balocco (2002), acerca do uso de enunciados em primeira pessoa no texto acadêmico; de Araújo (2003), sobre indicadores textuais da subjetividade da autoria em artigos acadêmicos em língua portuguesa e em língua inglesa e de Bernardino (2006) sobre a construção de posicionamentos e negociações em artigos acadêmicos.

Contribuindo para esse campo de investigação, a proposta deste trabalho tem como objetivo central analisar como, na área de Linguística, os(as) autores(as) de exemplares do gênero textual artigo acadêmico constroem significados interpessoais de posicionamento avaliativo ao produzirem seus textos. Esta questão parte da consideração de que diferentes padrões de avaliação podem exercer papéis específicos em gêneros específicos, portanto, cabe levantar tais padrões nos termos de suas ocorrências e de seus funcionamentos, articulando-os com os valores e propósitos dos grupos sociais que utilizam tais gêneros.

Como delimitação desse objetivo central, esta pesquisa busca mapear e analisar os adjuntos modais (HALLIDAY, 1994) realizados por advérbios simples que, de forma mais relevante, constroem os significados interpessoais de posicionamento e avaliação do(a) pesquisador(a)-autor(a) na produção de exemplares do gênero artigo acadêmico na área de Linguística e verificar, comparativamente, como esses adjuntos modais se apresentam em exemplares de artigos experimentais, artigos teóricos e artigos de revisão de literatura.

Para tanto, trabalho com a articulação entre duas teorias de base: a análise de gêneros textuais, com foco na produção teórica de John Swales (2004), e a Gramática Sistêmico-Funcional de M. A. K. Halliday (1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004), particularmente no tratamento da construção dos significados interpessoais da/na linguagem.

Referencial teórico

Em primeiro lugar, quero justificar que, em meio a variadas perspectivas para a abordagem de gêneros, optei pela perspectiva da vertente anglo-americana de John Swales porque a produção desse autor é reconhecidamente voltada para aplicações em análise de gêneros em contextos acadêmicos e profissionais. Além disso, Swales (1990; 2004) estabelece conceitos fundamentais para o exame de gêneros textuais, propondo a análise textual como caminho para iluminar questões sobre a caracterização dos gêneros e a relação com suas práticas sociais subjacentes.

Segundo Herais e Biasi-Rodrigues (2003), Swales, em trabalho publicado em 2000, recomenda aos usuários, estudiosos e analistas de gêneros que além do olhar detido sobre os propósitos, os valores e as crenças da comunidade discursiva e sobre a organização retórica do gênero, é importante a realização de uma microanálise da linguagem, ou seja, uma análise mais cuidadosa dos elementos linguísticos que funcionam para a caracterização genérica. É este o ponto que considero central para a articulação entre as teorias de Swales e Halliday, uma vez que a Gramática Sistêmico-Funcional (doravante GSF) oferece um referencial teórico para analisar as diferentes ordens (oração, sintagma etc.).

Quero justificar, ainda, que, no texto deste artigo, alternarei intencionalmente o uso da pessoa do discurso. Ora escreverei em primeira pessoa do singular para marcar claramente minha autoria e minha responsabilidade sobre o “dito”; ora utilizarei a primeira pessoa do plural para incluir o(a) leitor(a) na construção da argumentação, angariando, assim, sua participação ativa em minhas reflexões. A não homogeneidade no uso da pessoa do discurso neste artigo deve ser entendida, portanto, como um recurso de construção do Metadiscurso Interpessoal (HYLAND, 2000).

Como já foi afirmado, os objetivos que norteiam esta pesquisa partem da consideração sobre evidências de que diferentes padrões de avaliação e posicionamento podem exercer papéis específicos em gêneros específicos. Essa relação, contudo, exige observar em que aspectos linguísticos a avaliação está

localizada. Para Thompson (2002), a avaliação modal é mais facilmente reconhecida em termos gramaticais, situando-se em torno de elementos como os verbos e os adjuntos modais, por exemplo. A avaliação de valor, por outro lado, tende a funcionar em torno do léxico, particularmente dos adjetivos e substantivos. Isso talvez aconteça porque a avaliação modal tende a ser exercida sobre proposições e a avaliação de valor, sobre entidades.

Hunston e Thompson (2000) nos dizem, ainda, que há certos gêneros que priorizam avaliações que expressam graus de certeza sobre as proposições e há outros que enfatizam avaliações que constroem julgamento de valor entre o que é bom e o que não é bom. Os gêneros da comunidade acadêmica, por exemplo, seriam caracterizados pelo primeiro tipo de padrão avaliativo, a partir do qual o(a) pesquisador(a)-autor(a) expressaria seu ponto de vista sobre o *status* da proposição ou da entidade em questão.

Uma vez que meu objeto de análise é o artigo acadêmico, presumivelmente mais marcado pela avaliação modal, fui buscar na GSF de Halliday (1994/2004) e em outros autores como Eggins (1994), Martin *et al.* (1997) e Thompson (2002) a descrição dos adjuntos modais que se prestam à construção dos significados interpessoais de posicionamento e avaliação. Assim, a teoria sistêmico-funcional pode favorecer esse tipo de investigação porque toma como princípio básico a percepção de que o uso da linguagem é funcional, que esse uso funcional constrói significados motivados pelos contextos social e cultural e que o processo de uso da linguagem é semiótico, ou seja, um processo de construção de significados por meio de escolhas realizadas entre as possibilidades do sistema linguístico. Desta forma, a abordagem sistêmico-funcional se ocupa em descrever a relação entre as possíveis escolhas que os falantes realizam ao utilizarem o sistema linguístico e a função da escolha feita. Estabelecendo essa relação, a abordagem sistêmico-funcional lança a questão sobre como a linguagem é usada em diferentes contextos para alcançar diferentes objetivos.

Considerando que meu interesse está centrado no posicionamento avaliativo do(a) pesquisador(a)-autor(a) ao produzir exemplares do gênero artigo acadêmico, para o presente artigo interessa, particularmente, o detalhamento da função interpessoal da linguagem apontada por Halliday (1994), uma vez que é, principalmente, por meio dos significados interpessoais que os falantes se posicionam e posicionam seus interlocutores no ato da interação. Para esse autor, a construção dos significados interpessoais se faz, predominantemente, por meio dos sistemas de modo e modalidade da língua.

Para Halliday (1994), o princípio básico da função interpessoal é que os falantes, no ato da interação, adotam para si um papel discursivo e sinalizam um papel complementar para seus interlocutores. Assim, ao realizar uma ordem, o falante se posiciona como alguém autorizado a ordenar e posiciona seu interlocutor como aquele que pode e deve efetivar o que foi ordenado. Desta forma, a função interpessoal da linguagem está relacionada com os papéis e com as relações que os interlocutores constroem no ato das trocas interativas.

Halliday (1994) aponta dois tipos básicos de trocas que permeiam as interações: as trocas de bens e serviços e as trocas de informações. Se o falante realiza um ato de fala com o propósito de induzir o interlocutor a fazer algo, estaremos lidando com a troca de bens e serviços e tomaremos como unidade de análise, as propostas. Por outro lado, se o falante pretende obter uma resposta verbal do interlocutor, estaremos tratando de uma troca de informações e teremos as proposições como unidade de análise.

Como já salientei, procederei à análise da função interpessoal em artigos acadêmicos e por isso me deterei apenas à gramática da oração como troca de informação, ou seja, meu olhar estará voltado para a troca de proposições.

A primeira questão a ser respondida para discutir a relação entre a função interpessoal e os significados interpessoais construídos na interação é que estruturas do sistema linguístico são preferencialmente utilizadas pelos falantes para a construção dessa relação.

Como Martin *et al.* (1997) apontam, é na estrutura dos elementos do MODO da gramática que o viés negociável da interação se revela com maior nitidez. Entendamos aqui MODO como a análise de três funções, a saber: Sujeito, Finito e Adjuntos Modais. A essa pesquisa interessou, particularmente, o uso dos adjuntos modais.

Para Halliday e Matthiessen (2004), o adjunto é o elemento que não tem o potencial de ser sujeito, ou seja, é o elemento que não pode ser elevado ao *status* interpessoal de responsabilidade modal e que é, tipicamente, realizado por um grupo adverbial ou por uma frase preposicional. Halliday (1994) apresenta três classes de adjuntos: os adjuntos modais, os circunstanciais e os adjuntos textuais.

Os adjuntos modais, propriamente ditos, são aqueles mais intimamente associados ao sistema de modo, imprimindo significados de polaridade, modalidade, temporalidade e intensidade (HALLIDAY, 1994). Como nos informa Eggins (1994), esses adjuntos adicionam significado interpessoal à oração por estarem relacionados à geração e manutenção do diálogo.

Na segunda edição da GSF, Halliday (1994, p. 82) aponta três tipos de adjuntos modais, a saber: os adjuntos de polaridade e modalidade, os adjuntos de temporalidade e os adjuntos de modo. Vejamos nos quadros abaixo, traduzidos para o português brasileiro, os principais significados realizados por esses adjuntos:

QUADRO 1¹
Adjuntos de modalidade e polaridade

SIGNIFICADOS	REALIZAÇÕES
Polaridade	Sim / não / provavelmente / possivelmente
Probabilidade [modalização]	Provável / possível / certamente / talvez
Usualidade [modalização]	Usualmente / às vezes / sempre / nunca, raramente...
Inclinação [modulação]	Certamente / facilmente / alegremente
Obrigaçã [modulação]	Definitivamente / absolutamente / possivelmente...

QUADRO 2
Adjuntos modais de temporalidade

SIGNIFICADOS	REALIZAÇÕES
Tempo	Ainda que, até agora, já, uma vez que, anteriormente, logo em breve...
Tipicidade	Ocasionalmente, geralmente, na maioria das vezes, regularmente...

QUADRO 3
Adjuntos modais de modo

SIGNIFICADOS	REALIZAÇÕES
Obviedade	De fato, obviamente, claramente, certamente, evidentemente, seguramente...
Intensidade	Somente, meramente, sempre, simplesmente, puramente, realmente (de fato), apenas, só, unicamente...
Grau	Inteiramente, muito, quase, totalmente, escassamente, completamente, unicamente, apenas, plenamente, categoricamente, peremptoriamente, irrestritamente, bastante, raramente, dificilmente, absolutamente, exclusivamente...

¹ Tradução de minha responsabilidade.

Cabe ainda focalizarmos os chamados adjuntos de comentário. Para Halliday (1994) a diferença entre o adjunto de comentário e o adjunto de modo propriamente dito é que o primeiro expressa a atitude do falante em relação à proposição como um todo e não apenas aos elementos do MODO. Assim, os adjuntos de comentário são menos integrados à estrutura do modo e ocorrem em pontos da oração que são significativos para a organização textual, sendo, fortemente, associados às fronteiras entre as unidades de informação do texto. Os adjuntos de comentário ocorrem, principalmente, em posição inicial (como tema), mas podem ocorrer também no rema, entre o modo e o resíduo ou ainda em posição final (HALLIDAY, 1994:83). Apesar de não incidirem diretamente sobre a estrutura do modo da língua, os adjuntos de comentário são considerados, tanto por Halliday (1994) quanto por Thompson (2002), como uma categoria dos adjuntos modais uma vez que agregam expressões de atitude e avaliação ao significado da proposição.

Para Bloor e Bloor (1995, p. 55), os adjuntos de comentário são aqueles que constroem significados interpessoais de avaliação (julgamento, posicionamento, construção de atitude), tais como os realizados pelos advérbios *francamente*, *felizmente*, *lamentavelmente*. Diferentemente, os adjuntos modais propriamente ditos nos informam sobre significados modais de probabilidade, frequência e generalidade.

Vejamos, no quadro proposto por Halliday (1994, p. 49, tradução minha), os tipos de significados realizados por esses adjuntos.

QUADRO 4
Adjuntos de comentário e seus significados

TIPO	SIGNIFICADO	EXEMPLOS
Opinião	Eu penso	Em minha opinião, pessoalmente, no meu entender...
Admissão	Eu admito	Francamente, para ser honesto, para falar a verdade...
Persuasão	Eu asseguro	Honestamente, realmente, falando sério, acredite...
Solicitação	Eu solicito	Por favor, por gentileza...
Suposição	Eu presumo	Evidentemente, aparentemente, sem dúvida, supostamente...
Desejo/necessidade	Nível de satisfação de desejos	Felizmente, para minha alegria, afortunadamente, por sorte...

[continua]

[continuação]

Ressalva/restrição	Nível de confiabilidade	Provisoriamente, a princípio, pensando bem...
Validação	Nível de validade	Em geral, estritamente falando, em princípio, como um todo...
Avaliação	Nível de sensatez	Sabiamente, sensatamente, compreensivelmente, equivocadamente, ridiculamente...
Predição	Nível de preenchimento de expectativas	Para minha surpresa, surpreendentemente, como esperado, inesperadamente, por acaso...

Como podemos perceber, ao utilizarmos a linguagem para interagir, nós realizamos uma série de escolhas que estão vinculadas intimamente ao Sistema de Modo da língua. Dessa forma, o sistema de modo constrói um terreno de trocas e negociações entre papéis e identidades e institui dimensões interpessoais que revelam níveis de poder, solidariedade, intimidade, julgamentos e atitudes dos falantes em relação ao dito e em relação a seus pares na interação.

Metodologia

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que os procedimentos de análise dos *corpora* foram realizados a partir de dois suportes teóricos centrais: a Linguística Sistêmico-Funcional e a Análise de Gêneros Textuais anglo-americana. A linguística sistêmica contribuiu, particularmente, para o reconhecimento, mapeamento e categorização dos adjuntos modais nos textos; e a análise de gêneros, para a caracterização do gênero textual artigo acadêmico e suas derivações (artigo experimental, artigo teórico e artigo de revisão), (SWALES, 2004).

Adicionalmente, tomei como instrumento de análise os recursos do programa *WordSmith Tools* para o tratamento quantitativo dos dados.

O objeto de estudo

Como já citei, o objetivo aqui proposto é, principalmente, analisar como os(as) autores(as) constroem significados interpessoais de posicionamento e avaliação em exemplares do gênero artigo acadêmico em língua portuguesa do Brasil. Para tanto, realizei um recorte teórico-metodológico ao analisar tal construção por meio da realização da função de adjunto modal, materializada através dos advérbios simples utilizados nos exemplares do gênero.

Tal recorte ampara-se, sobremaneira, nas constatações de que a avaliação modal é, mais comumente, reconhecida em termos gramaticais, situando-se em torno de elementos como os verbos e os adjuntos modais (THOMPSON, 2000) e de que a função de adjunto modal é tipicamente realizada por uma frase proposicional ou por um grupo adverbial (HALLIDAY, 1994).

Assim, tomada esta decisão inicial, passarei à constituição dos *corpora* de análise. Passo que será descrito a seguir.

Descrição dos corpora de análise

Tendo em vista que trabalharia os dados no ambiente do programa *WordSmith Tools*, constituí, inicialmente, um *corpus* formado por quarenta artigos da área de Linguística, compilados a partir da revista D.E.L.T.A. no site <http://www.scielo.br>, e publicados no período compreendido entre os anos de 1999 e 2004. Como é previsível, os artigos são de autorias diversas e afiliados a diferentes campos teóricos da Linguística.

Inicialmente, extraí, de forma aleatória, dez exemplares para a realização de uma análise piloto a partir da qual percebi que havia uma considerável diversidade quanto aos tipos de artigos, uma vez que dos dez exemplares, dois objetivavam discutir questões estritamente teóricas; cinco preocupavam-se em traçar panoramas do percurso histórico ou de controvérsias teórico-metodológicas da área e três apresentavam resultados de pesquisa e análise de dados.

A partir dessa constatação, passei, então, à constituição dos *corpora* de análise:

Corpus 1 – dez exemplares de artigos experimentais propriamente ditos.

Corpus 2 – dez exemplares de artigos teóricos.

Corpus 3 – dez exemplares de artigos de revisão.

Feita a delimitação dos *corpora*, iniciei, então, o processo de reconhecimento e mapeamento dos advérbios que funcionavam como adjuntos modais.

Os procedimentos de análise

Etapa 1 - Compilação e formatação dos *corpora* para adequação à análise no ambiente do programa *WordSmith Tools*.

Etapa 2 - Marcação dos *corpora*, ou seja, a anotação relativa à autoria e à fonte do texto. (BEBER SARDINHA, 1999).

Etapa 3 - Aplicação da ferramenta *WordList*² para o mapeamento dos advérbios realizadores da função interpessoal de adjuntos modais.

Etapa 4 - Categorização de cada um dos advérbios de acordo com a tipologia de adjuntos modais apontada por Halliday (1994). Esse momento da análise foi realizado por meio da análise das linhas de concordância de cada uma das ocorrências dos advérbios mapeados.

Etapa 5 - Etiquetamento dos *corpora* a partir da etiqueta <ADM> para identificação dos advérbios que funcionavam como adjuntos modais e de etiquetas particulares para cada tipo de adjunto identificado nos *corpora*. Vejamos, abaixo, alguns exemplos desse etiquetamento:

a) Adjunto modal de polaridade – <ADMPOL>

Ex1.:

Galves (1989), entretanto, demonstra que os efeitos de ilha apontados por Raposo não <ADM> <ADMPOL> se aplicam ao português brasileiro. (Corpus 1 – Art. 2)

b) Adjunto modal de probabilidade <ADMPRO>

Ex2.:

Este afastamento do cognitivismo deve-se, provavelmente <ADM> <ADMPRO>, ao fato de o tipo de texto (ou gênero textual) trazer impressa a marca do contexto social em que se formou, o que atrai o estudioso para uma perspectiva extramental. (Corpus 2 – Art. 12)

c) Adjunto modal de intensidade (significado de intensificação) <ADMINT>

Ex3.:

Um exemplo que me parece bastante <ADM> <ADMINT> elucidativo da idéia de que a nasalidade pode estar organizada de forma diferente nas línguas é o do Islandês, língua que contrasta consoantes nasais surdas e sonoras. (PÉTURSSON, 1973; 1994)

² Ferramenta do programa *WordSmith Tools*. O programa *WordSmith Tools* foi desenvolvido por Mike Scoot e publicado pela Oxford University Press. O programa coloca à disposição do analista uma série de recursos úteis para análise da linguagem. As principais ferramentas são *WordList*; *KeyWords* e *Concord*. As funções principais das ferramentas são: 1) Lematização – agrupamento de duas ou mais formas diferentes em um mesmo item; 2) Classificação – ordenação de listas e concordâncias por ordem alfabética, frequencial e de posição; 3) Delimitação – escolha de que partes do *corpus* serão lidas pelo programa.

d) Adjunto modal de intensidade (significado de grau de restrição) <ADMINT>

Ex4.:

A identidade de referência textual é clara, mas, como em todos os casos de sinonímia (mesmo nos da denotativa ou descritiva), fatores estilísticos e pragmáticos, ou funcionais, fazem com que as diferentes escolhas referenciais não <ADMPOL> <ADM> sejam totalmente <ADM> <ADMINT> substituíveis umas pelas outras. (Corpus 2 – Art. 11)

e) Adjunto modal de intensidade (significado de preenchimento de expectativa) <ADMINT>

Ex5.:

Tal assimilação (ou aprendizagem) por parte do professor é vista enquanto processo meramente <ADM> <ADMINT> (ou sobretudo) cognitivo (mental), concepção que, como já dissemos, tem por base a crença no sujeito ideal, consciente e uno. (Corpus 1 – Art. 1)

f) Adjunto modal de usualidade <ADMUSU>

Ex6.:

Por isso, é preciso afastar, abafar, apagar da nossa consciência esses momentos que são freqüentemente <ADM> <ADMUSU> vistos e analisados negativamente como deslizos, lapsos, manifestações do não <ADM> <ADMPOL> controle da situação, de si e dos outros. (Corpus 1 – Art. 1)

g) Adjunto modal de obviedade <ADMOBV>

Ex7.:

Evidentemente <ADMOBV> <ADM>, alguns poderiam pensar que, em compensação, aumenta-se um componente na teoria gramatical. (Corpus 2 – Art. 13)

h) Adjunto modal de validade <ADMVAL>

Ex8.:

Na cultura ocidental, particularmente <ADM> <ADMVAL> na norte-americana, que é a referência dos autores em questão, o conceito down, é associado a situações negativas, em contraposição ao conceito up, associado a situações positivas. (Corpus 1 – Art. 4)

i) Adjunto modal de tempo <ADMTEM>

Ex9.:

A maioria dos teóricos não <ADM> <ADMPOLE> deixa de fazer referência à retórica clássica e aí o problema já <ADM> <ADMTEM> se colocava, uma vez que Aristóteles fala em metáfora tanto na Arte Retórica quanto na Arte Poética e, desse modo, o conceito de metáfora apresenta-se amplo, justificando a diversidade de enunciados de diferentes tipos que são ditos metafóricos. (Corpus 1 – Art. 3)

j) Adjunto modal de tipicidade <ADMTIP>

Ex10.:

A nova forma tipicamente <ADM> <ADMTIP> começa como uma variante usada esporadicamente, sua frequência aumenta à medida que o tempo passa e, finalmente, ela pode vir a substituir a forma antiga. (Corpus 2 – Art. 19)

k) Adjunto modal de predição <ADMPRED>

Ex11.:

Em virtude de a transposição com modulação apresentar, na sua essência, características bastante <ADM> <ADMINT> similares às da modulação, podem estender-se as mesmas considerações feitas acima para tradução literária em relação à tradução técnica, que apresenta 3,4% de ocorrências no respectivo corpus, e também em relação à tradução jornalística, que registra, contrariamente <ADM> <ADMPRED> ao que se supunha para esse corpus, apenas <ADM> 2,7% de frequência. (Corpus 1 – Art. 8)

l) Adjunto modal de desejo <ADMDES>

Ex12.:

As respostas, feliz <ADM> <ADMDES> ou infelizmente <ADM> <ADMDES>, serão obtidas na nossa prática diária e surgirão com a evolução natural tanto de nossa prática pedagógica quanto de pesquisas. (Corpus 2 – Art. 12)

m) Adjunto modal de persuasão <ADMPERS>

Ex13.:

De fato, existe uma certa aceitação geral de que a parte que diz respeito à “fonêmica” da língua portuguesa está seguramente <ADM> <ADMPERS> bem definida. (Corpus 1 – Art. 3)

Após o etiquetamento dos tipos de adjuntos modais nos corpora, passei às seguintes etapas de análise:

- Etapa 6** - Levantamento quantitativo das etiquetas através da ferramenta WordList.
- Etapa 7** - Realização do cálculo percentual dos adjuntos modais e suas ocorrências em relação ao total de palavras e ao total de palavras não repetidas do corpus 1.
- Etapa 8** - Realização do cálculo percentual dos tipos de adjuntos em relação ao total de adjuntos do corpus 1.
- Etapa 9** - Realização da lista de Consistência Detalhada, do corpus 1, que permite visualizar a distribuição dos adjuntos modais e seus tipos em cada artigo separadamente. Esta lista é realizada dentro do ambiente da ferramenta WordList.
- Etapa 10** - Realização do cálculo percentual dos adjuntos modais e suas ocorrências em relação ao total de palavras e ao total de palavras não repetidas do corpus 2.
- Etapa 11** - Realização do cálculo percentual dos tipos de adjuntos em relação ao total de adjuntos do corpus 2.
- Etapa 12** - Realização da lista de Consistência Detalhada, do corpus 2, que permite visualizar a distribuição dos adjuntos modais e seus tipos em cada artigo separadamente. Esta lista é realizada dentro do ambiente da ferramenta WordList.
- Etapa 13** - Realização do cálculo percentual dos adjuntos modais e suas ocorrências em relação ao total de palavras e ao total de palavras não repetidas do corpus 3.
- Etapa 14** - Realização da lista de Consistência Detalhada, do corpus 3, que permite visualizar a distribuição dos adjuntos modais e seus tipos em cada artigo separadamente. Esta lista é realizada dentro do ambiente da ferramenta WordList.
- Etapa 15** - Construção de um quadro comparativo dos dados referentes aos corpora 1; 2 e 3.

Observando os dados

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, é importante lembrar o objetivo que guiou essa investigação: mapear e analisar os adjuntos modais realizados por advérbios simples que, de forma mais relevante, constroem

significados interpessoais de posicionamento e avaliação da autoria em exemplares de artigos experimentais, teóricos e de artigos de revisão de literatura.

Assim, com base em Swales (2004), constituí três corpora de análise, a saber: corpus 1, constituído por dez exemplares de artigos experimentais (AE); corpus 2, constituído por dez exemplares de artigos teóricos (AT) e corpus 3, composto por dez exemplares de artigos de revisão de literatura (AR). Nesse momento de análise, tomei como base para a categorização dos exemplares dois critérios centrais: os diferentes propósitos realizados pelos artigos e a diferente distribuição de suas unidades de informação.

Chamei aqui de artigo experimental (AE), com base em Swales (2004), aqueles que apresentaram como objetivo central a análise de dados de qualquer natureza e, portanto, construíram necessariamente a unidade retórica de Análise e Discussão dos Dados. Vejamos como se caracterizaram os dez artigos experimentais analisados quanto à distribuição de suas unidades retóricas:

QUADRO 5
Unidades retóricas dos artigos experimentais do corpus 1

Artigo Experimental	Introdução	Revisão de Literatura	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AE1	X	X	-	X	X
AE2	X	X	-	X	X
AE3	X	X	-	X	X
AE4	X	X	X	X	X
AE5	X	-	X	X	X
AE6	X	X	X	X	X
AE7	X	-	-	X	X
AE8	X	X	X	X	X
AE9	X	-	-	X	X
AE10	X	X	X	X	X

Como é possível perceber por meio do Quadro 1, todos os exemplares do corpus 1 apresentaram unidades destacadas para análise de dados. Os artigos AE5, AE7 e AE9 não apresentaram uma unidade destacada para Revisão de Literatura, uma vez que os pressupostos teóricos estão ou na unidade de Introdução e/ou inseridos na unidade retórica de Resultados e Discussão dos Dados. Os artigos AE1, AE2, AE3, AE7 e AE9 não apresentaram tópico

destacado para Metodologia, uma vez que informações metodológicas foram apresentadas na unidade retórica Introdução.

O corpus 2, por sua vez, foi aquele constituído por artigos cujo objetivo central consistiu em realizar uma discussão prioritariamente teórica, sem, necessariamente, recorrer à análise de dados. Isto pode ser mais facilmente percebido através dos trechos retirados das Introduções de exemplares do corpus:

Dentro dessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é propor uma possível interface entre a semântica e a linguística textual a partir da relação entre dois de seus principais conceitos, respectivamente: a sinonímia, baseado no significado denotativo, e a referência, que define e é definida pelo significado textual. Serão feitas também considerações acerca da função expressiva da referência, normalmente vista a partir de sua função referencial no âmbito do texto. Uma análise sucinta de exemplos retirados de um texto servirá de ilustração para as questões a serem aqui tratadas. (*Corpus 2* – Art. 11).

Ao apresentar o panorama, ou o que poderia ser compreendido como o estado da arte das controvérsias que presidem os estudos teóricos da terminologia, este artigo visa a destacar os principais pontos nevrálgicos sobre os quais o debate se situa. Em verdade, há uma série de fatores que respondem pelo forte movimento de reavaliação dos princípios da terminologia clássica. (*Corpus 2* – Art. 15)

Assim, o objetivo deste artigo é explorar as divergências entre duas teorias sócio-pragmáticas do discurso no tocante à indeterminação do significado. Para tal, na primeira parte do trabalho, contrapomos as pragmáticas (de Grice e de Searle) com a tradição sócio-interacional de análise do discurso (resultante dos trabalhos de Bateson e Goffman e representada pela obra de Gumperz). Na segunda parte, relacionamos tais oposições com o tratamento da indeterminação, no que diz respeito às divergências sobre as motivações e sobre o escopo do fenômeno. (*Corpus 2* – Art. 16)

FIGURA 1 – Trechos do corpus 2 que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos Teóricos (AT).

Com exceção do AT11, que apresenta um tópico destacado no qual o autor faz uma análise de um texto a título de exemplificação da discussão teórica, nos demais exemplares analisados não houve uma unidade de Análise e Discussão de Dados destacada. Não considere o AT11 como artigo experimental porque o objetivo central do artigo não consistia na análise de dados, não havia corpus constituído. O texto analisado nesse artigo foi utilizado somente para exemplificar os elementos da discussão teórica proposta, não havendo, pois, um objetivo de investigação de dados propriamente ditos. Vejamos, então, a distribuição das unidades retóricas dos exemplares que compuseram o corpus 2:

QUADRO 6
Unidades retóricas dos artigos teóricos do corpus 2

Artigo Teórico	Introdução	Discussão Teórica	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AE1	X	X	-	X	X
AT11	X	X	-	-	X
AT12	X	X	-	-	X
AT13	X	X	-	-	X
AT14	X	X	-	-	X
AT15	X	X	-	-	X
AT16	X	X	-	-	X
AT17	X	X	-	-	X
AT18	X	X	-	-	X
AT19	X	X	-	-	X
AT20	X	X	-	-	X

É importante salientar, ainda, que a unidade retórica, geralmente identificada como Revisão de Literatura, na verdade cumpriu objetivos distintos nos exemplares do corpus 2 aqui analisados, uma vez que, em alguns exemplares, discutiu a adequação de conceitos; em outros, controvérsias entre campos teóricos, ou, ainda, o repensar de determinadas concepções teóricas. Por este motivo, substituí a expressão Revisão de Literatura por Discussão Teórica.

Vale ressaltar, ainda, que em dois dos exemplares (AT13 e AT19), os autores se valeram de exemplos para ilustrar a discussão teórica, sem, no entanto, destacá-los em uma unidade retórica dirigida somente à análise. Os exemplos são discutidos à medida que a discussão teórica se desenrola. Outra observação relevante diz respeito ao fato de que tais exemplos não constituem um corpus de análise. São, na verdade, exemplos avulsos.

Por fim, vejamos os objetivos e o comportamento retórico dos Artigos de Revisão (corpus 3), conforme denominação de Swales (2004). O corpus 3 de análise foi constituído por exemplares de artigos cujo objetivo central consistiu em apresentar um panorama histórico de uma determinada área de estudo, como podemos perceber por meio dos excertos que seguem:

Este artigo apresenta uma retrospectiva do estudo da aquisição da linguagem, situando a pesquisa em Aquisição da Linguagem conduzida no Brasil nos últimos 30 anos nos desenvolvimentos teóricos desse campo, que tomaram forma em meados deste século. (*Corpus 3* – Art. 21)

Ao abrir este trabalho, que tem por objetivo tentar delinear os caminhos percorridos pela Filologia Portuguesa no Brasil nos últimos dez anos, é de todo importante esclarecer o significado com que se trabalha aqui a palavra Filologia. (*Corpus 3* – Art. 23)

FIGURA 2 – Trechos do *corpus 3* que apresentam os objetivos dos exemplares dos Artigos de Revisão (AR).

Vejamos como estão distribuídas as informações nos exemplares do *corpus 3*:

QUADRO 7
Unidades retóricas dos exemplares do Artigo de Revisão (AR) (*corpus 3*)

Artigo de Revisão	Introdução	Revisão de Literatura	Metodologia	Resultados e Discussão	Considerações Finais
AR21	X	X	-	-	X
AR22	X	X	-	-	X
AR23	X	X	-	-	X
AR24	-	X	-	-	X
AR25	X	X	-	-	X
AR26	-	X	-	-	X
AR27	X	X	-	-	X
AR28	-	X	-	-	X
AR29	X	X	-	-	X
AR30	X	X	-	-	X

É interessante observar que alguns desses exemplares não apresentaram o tópico de Introdução, iniciando diretamente pelo levantamento histórico. São os casos dos artigos AR24, AR26 e AR28. Outra observação interessante diz respeito à finalização dos exemplares. Nos exemplares dos artigos experimentais (*corpus 1*) e teóricos (*corpus 2*), a última unidade retórica sempre recebeu a denominação ou de *Considerações Finais* ou de *Conclusão*, mas nos artigos de revisão, essa unidade retórica recebeu denominações bastante diversas, tais como: *Um balanço final*; *Avaliação/Perspectivas*; *Proliferação de teorias: crise na semântica?*; *Encerrando*, etc.

Observando os quadros 1, 2 e 3, podemos perceber alguns indicadores:

- O artigo experimental parece caracterizar-se, principalmente, por: objetivar a análise e discussão de dados, constituídos para fins de investigação; por apresentar, necessariamente, a seção de Resultados e Discussão na organização retórica de seus exemplares; e por apresentar, também necessariamente, informações metodológicas que podem ou não vir em uma unidade retórica destacada.
- Os artigos teóricos e os artigos de revisão parecem apresentar distribuição retórica bastante similar, uma vez que, diferentemente dos artigos experimentais, não apresentam as unidades retóricas de Metodologia e Resultados e Discussão dos Dados. Por outro lado, são distintos quanto aos objetivos que movem a produção de seus exemplares.

É certo que tais afirmações são hipóteses lançadas a partir de um número de exemplares ainda bastante restrito e carecem, necessariamente, de uma observação a partir de um *corpus* bem mais amplo. No entanto, este não é o objetivo desta pesquisa.

Assim, tendo verificado que há diferenças retóricas entre os tipos de artigos, cabe inquirir se a forma como os(as) autores(as) constroem recursos interpessoais de posicionamento e avaliação também é ou não distinta. Assim, para tentar responder a essa questão, passemos ao mapeamento dos adjuntos modais nos *corpora* 1, 2 e 3.

Iniciarei a apresentação desse mapeamento a partir dos advérbios que realizaram a função de adjuntos modais e suas respectivas classificações nos *corpora* 1, 2 e 3.

QUADRO 8

Advérbios dos *corpora* 1, 2 e 3 que funcionaram como adjuntos modais (modalização)

TIPO DE ADJUNTO	ADVÉRBIOS
ADMPOL – adjunto modal de polaridade	Não, sim, nem...
ADMINT – adjunto modal de intensidade	Muito, bastante, extremamente, excessivamente, pouco, bem, tão, quase, só, somente, apenas, propriamente, exclusivamente, relativamente, simplesmente, meramente, absolutamente, puramente, aproximadamente, fortemente, inteiramente, altamente, intimamente, praticamente, efetivamente, consideravelmente, completamente, totalmente, realmente, plenamente, parcialmente, unicamente, razoavelmente...

ADMPRO – adjunto modal de probabilidade	Possivelmente, provavelmente, talvez, certamente, indubitavelmente...
ADMUSU – adjunto modal de usualidade	Sempre, nunca, frequentemente, raramente, dificilmente, correntemente, geralmente, constantemente, usualmente, normalmente, eventualmente...
ADMVAL – adjunto modal de validade	Didaticamente, morfológicamente, semanticamente, linguisticamente, comunicativamente, virtualmente, discursivamente, fonologicamente, foneticamente, biologicamente, teoricamente, transitivamente, tradicionalmente, cognitivamente, empiricamente, referencialmente, formalmente, informalmente, estilisticamente, resumidamente, conceitualmente, primariamente, descritivamente, composicionalmente, classicamente, crucialmente, principalmente, estritamente, especialmente, especificamente, particularmente, mormente, socialmente, tematicamente, essencialmente, pragmaticamente, potencialmente, idealmente, basicamente, metodologicamente, notadamente, intuitivamente, estatisticamente, culturalmente, lexicalmente, historicamente, dialogicamente, precisamente...
ADMTEM – adjunto modal de tempo	Já, ainda, desde, atualmente...
ADMSUP – adjunto modal de suposição	Exatamente, justamente, aparentemente, supostamente...
ADMOBV – adjunto modal de obviedade	Obviamente, evidentemente...
ADMDES – adjunto modal de desejo	Felizmente, infelizmente, lamentavelmente...
ADMPRED – adjunto modal de predição	Diferentemente, curiosamente, contrariamente...
ADMTIP – adjunto modal de tipicidade	Tipicamente...
ADMPERS – adjunto modal de persuasão	Realmente, verdadeiramente, naturalmente, seguramente, claramente...

O quadro anterior nos mostra que os adjuntos de validade e intensidade foram os que apresentaram maior diversidade quanto aos advérbios utilizados para realizá-los, sendo que a função de adjunto de validade foi realizada por 48 advérbios distintos e a de adjunto modal de intensidade por 33 advérbios distintos. Os adjuntos de polaridade, apesar de terem sido os mais relevantes em termos de ocorrência, foram realizados por apenas três advérbios distintos, o que era esperado, pois os recursos de polaridade são limitados nas línguas.

A importância deste quadro demonstrativo diz respeito, principalmente, ao mapeamento dos advérbios que em português brasileiro podem realizar a função de adjunto modal com suas respectivas classificações. É certo, porém, que tal realização irá depender, sobremaneira, dos contextos nos quais esses advérbios figurarem.

Passemos, agora, aos resultados sobre a frequência e a distribuição dos adjuntos modais em cada um dos *corpora* para depois realizarmos a comparação entre tais resultados. Começemos pelas tabelas 1, 2 e 3 que nos mostram os resultados referentes ao *corpus* 1 (Dez Artigos Experimentais completos).

TABELA 1
 Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples
 em relação ao total de palavras não repetidas (8.664) do *corpus* 1
 (Dez Artigos Experimentais completos)

TIPOS DE ADJUNTOS MODAIS	TOTAL	%
ADM	1.021	11.78
ADM – Polaridade	419	4.83
ADM – Intensidade	298	3.44
ADM – Validade	90	1.04
ADM – Usualidade	77	0.89
ADM – Probabilidade	46	0.53
ADM – Tempo	31	0.35
ADM – Suposição	20	0.23
ADM – Persuasão	16	0.30
ADM – Obviedade	08	0.09
ADM – Tipicidade	05	0.06
ADM – Avaliação	05	0.06
ADM – Predição	04	0.05
ADM – Desejo	02	0.02

Como observamos na Tabela 1, os advérbios que funcionam como adjuntos modais nos exemplares dos artigos experimentais correspondem a 11.78% do total de palavras não repetidas desse *corpus*. O percentual bastante significativo se deve, principalmente, à utilização, por parte dos(as) autores(as), dos adjuntos modais de polaridade, de intensidade, de validade, de usualidade e de probabilidade, respectivamente (Ver Tabela 2). Isto significa que os(as) autores(as) constroem os significados interpessoais de avaliação e posicionamento

utilizando adjuntos modais por meio de advérbios, prioritariamente, ao construírem negações, ao indicarem o grau de intensidade com que proferem suas proposições, ao delimitarem o campo de validade a partir do qual o conteúdo proposicional é válido, ao indicarem a frequência ou regularidade a partir da qual o(a) leitor(a) deve considerar o conteúdo da proposição e ao indicarem o grau de certeza ou dúvida a partir do qual o conteúdo proposicional é apresentado.

TABELA 2

Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (1.021) do *corpus* 1 (Dez Artigos Experimentais completos)

TIPOS DE ADJUNTOS MODAIS	TOTAL	%
ADM – Polaridade	419	41.04
ADM – Intensidade	298	29.19
ADM – Validade	90	8.81
ADM – Usualidade	77	7.54
ADM – Probabilidade	46	4.47
ADM – Tempo	31	3.04
ADM – Suposição	20	1.96
ADM – Persuasão	16	1.57
ADM – Obviedade	08	0.78
ADM – Tipicidade	05	0.49
ADM – Avaliação	05	0.49
ADM – Predição	04	0.39
ADM – Desejo	02	0.19

Ao visualizarmos a Tabela 3 abaixo, percebemos que os adjuntos de polaridade, intensidade, validade, usualidade foram utilizados por todos os(as) autores(as) dos artigos; os adjuntos de probabilidade, suposição e obviedade foram utilizados por mais da metade dos(as) autores(as); os adjuntos de avaliação, persuasão e tempo foram utilizados por metade dos(as) autores(as) e, por fim, os adjuntos de predição, desejo e tipicidade, por menos da metade dos(as) autores(as).

TABELA 3

Distribuição dos adjuntos modais no *corpus* 1 (Dez Artigos Experimentais completos) (Resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada)

ADJUNTO	TOTAL DE ARTIGOS
ADM – polaridade	10
ADM – intensidade	10
ADM – usualidade	10
ADM – validade	10
ADM – probabilidade	09
ADM – suposição	09
ADM – obviedade	07
ADM – avaliação	05
ADM – persuasão	05
ADM – tempo	05
ADM – predição	03
ADM – desejo	01
ADM – tipicidade	01

As tabelas 4, 5 e 6 que vêm a seguir revelam tais resultados em relação aos exemplares dos artigos teóricos (*corpus* 2). Vejamos.

TABELA 4

Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples em relação ao total de palavras não repetidas (7.710) do *corpus* 2 (Dez Artigos Teóricos completos)

TIPOS DE ADJUNTOS MODAIS	TOTAL	%
ADM 905	11.74	
ADM – Polaridade	392	5.08
ADM – Intensidade	250	3.24
ADM – Validade	96	1.25
ADM – Tempo	50	0.65
ADM – Usualidade	47	0.61
ADM – Suposição	32	0.41
ADM – Probabilidade	25	0.32
ADM – Obviedade	05	0.07
ADM – Avaliação	03	0.04
ADM – Desejo	02	0.03
ADM – Persuasão	01	0.01
ADM – Predição	01	0.01
ADM – Tipicidade	01	0.01

TABELA 5

Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (905) do *corpus 2* (Dez Artigos Teóricos completos)

TIPOS DE ADJUNTOS MODAIS	TOTAL	%
ADM – Polaridade	392	43.31
ADM – Intensidade	250	27.62
ADM – Validade	96	10.61
ADM – Tempo	50	5.52
ADM – Usualidade	47	5.19
ADM – Suposição	32	3.53
ADM – Probabilidade	25	2.76
ADM – Obviedade	05	0.55
ADM – Avaliação	03	0.33
ADM – Desejo	02	0.22
ADM – Persuasão	01	0.11
ADM – Predição	01	0.11
ADM – Tipicidade	01	0.11

A Tabela 4 nos mostra que os adjuntos modais correspondem a 11.74% do total de palavras não repetidas dos exemplares de artigos teóricos (*corpus 2*) e que esse percentual deve-se, prioritariamente, ao uso dos adjuntos modais de polaridade, intensidade, validade, tempo e usualidade. (Ver Tabela 5)

Ao observarmos a Tabela 6, percebemos, ainda, que esses adjuntos foram recursos utilizados em todos os exemplares dos artigos, mas também o foram os adjuntos de probabilidade. Quanto à distribuição entre os exemplares dos artigos, também merecem atenção os adjuntos de suposição e obviedade que figuraram, respectivamente, em oito e cinco exemplares do *corpus 2*.

TABELA 6

Distribuição dos adjuntos modais no *corpus* 2 (Dez Artigos Teóricos completos) (Resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada)

ADJUNTO	TOTAL DE ARTIGOS
ADM	10
ADM – Polaridade	10
ADM – Intensidade	10
ADM – Usualidade	10
ADM – Validade	10
ADM – Probabilidade	10
ADM – Tempo	10
ADM – Suposição	08
ADM – Obviedade	05
ADM – Avaliação	02
ADM – Predição	01
ADM – Desejo	01
ADM – Persuasão	01
ADM – Tipicidade	01

Quanto ao *corpus* 3 (Artigos de Revisão), observemos as tabelas 7, 8 e 9, apresentadas abaixo.

TABELA 7

Percentual de adjuntos modais realizados por advérbios simples em relação ao total de palavras não repetidas (10.067) do *corpus* 3 (Dez Artigos de Revisão completos)

TIPOS DE ADJUNTOS MODAIS	TOTAL	%
ADM	968	9.61
ADM – Polaridade	368	3.65
ADM – Intensidade	228	2.26
ADM – Tempo	144	1.43
ADM – Validade	124	1.23
ADM – Usualidade	35	0.35
ADM – Probabilidade	26	0.26
ADM – Suposição	15	0.15
ADM – Predição	07	0.07
ADM – Obviedade	07	0.07
ADM – Avaliação	06	0.06
ADM – Desejo	05	0.05
ADM – Persuasão	02	0.02
ADM – Tipicidade	01	0.01

TABELA 8

Percentual dos tipos de adjuntos modais em relação ao total de adjuntos modais (968) do *corpus 3* (Dez Artigos de Revisão completos)

TIPOS DE ADJUNTOS MODAIS	TOTAL	%
ADM – Polaridade	368	38.02
ADM – Intensidade	228	23.55
ADM – Tempo	144	14.88
ADM – Validade	124	12.81
ADM – Usualidade	35	3.61
ADM – Probabilidade	26	2.68
ADM – Suposição	15	1.55
ADM – Predição	07	0.72
ADM – Obviedade	07	0.72
ADM – Avaliação	06	0.62
ADM – Desejo	05	0.52
ADM – Persuasão	02	0.21
ADM – Tipicidade	01	0.10

Na Tabela 7, verificamos que o percentual de adjuntos modais corresponde a 9.61% do total de palavras não repetidas do *corpus* e que este percentual deve-se, particularmente, aos adjuntos de polaridade, intensidade, tempo e validade, respectivamente.

Observando a Tabela 9, percebemos, ainda, que tais adjuntos figuraram em 100% dos exemplares, assim como também os adjuntos de usualidade, que, apesar da baixa frequência, foram utilizados como recurso interpessoal em todos os exemplares do *corpus 3*. Vale, ainda, salientar que os adjuntos de probabilidade e suposição foram utilizados em mais da metade dos artigos e que o adjunto de avaliação foi utilizado em, exatamente, metade dos artigos.

TABELA 9

Distribuição dos adjuntos modais no *corpus* 3 (Dez Artigos de Revisão completos) (Resultado do cálculo da Lista de Consistência Detalhada)

ADJUNTO	TOTAL DE ARTIGOS
ADM	10
ADM – Polaridade	10
ADM – Intensidade	10
ADM – Usualidade	10
ADM – Validade	10
ADM – Tempo	10
ADM – Probabilidade	06
ADM – Suposição	06
ADM – Avaliação	05
ADM – Predição	04
ADM – Obviedade	02
ADM – Desejo	02
ADM – Persuasão	
ADM – Tipicidade	01

Com esses resultados em mãos, verifiquemos comparativamente, a partir da Tabela 10, a utilização dos adjuntos modais nos três *corpora* analisados.

TABELA 10

Comparação entre os *corpora* 1, 2 e 3

	Total de palavras não repetidas	Percentual	ADMs mais recorrentes de ADMs em ordem de frequência
<i>Corpus</i> 1	8.664	11.78%	Polaridade, intensidade, validade, usualidade e probabilidade.
<i>Corpus</i> 2	7.710	11.74%	Polaridade, intensidade, validade, tempo e usualidade (suposição).
<i>Corpus</i> 3	10.067	9.61%	Polaridade, intensidade, tempo, validade e usualidade.

Como podemos visualizar, os artigos experimentais e teóricos apresentaram, praticamente, o mesmo percentual de adjuntos modais em contraste com o percentual apresentado pelos artigos de revisão, que apesar de,

significativamente, maiores em extensão, utilizaram em menor escala os adjuntos modais realizados por advérbios simples como recurso interpessoal de posicionamento.

Outra observação interessante diz respeito aos tipos de adjuntos que foram mais recorrentes em cada um dos *corpora*, uma vez que nos artigos experimentais e teóricos, os três adjuntos mais relevantes quanto ao quesito frequência foram os de polaridade, intensidade e validade, respectivamente. Por outro lado, os adjuntos mais recorrentes nos artigos de revisão foram os adjuntos de polaridade, intensidade e tempo. Também chama a atenção o fato de que os adjuntos de probabilidade somente figuraram, como relevantes em termos de sua frequência, entre os artigos experimentais. Talvez isto tenha relação com a concentração desse tipo de adjunto na seção de Resultados e Discussão dos Dados, própria desses artigos.

Considerações finais

Os dados encontrados parecem sugerir que os artigos experimentais e teóricos assemelham-se em relação ao uso de adjuntos modais como recurso de construção do posicionamento da autoria, tanto no que diz respeito ao percentual de utilização dos adjuntos modais de uma forma geral, quanto no que diz respeito aos tipos de adjuntos que foram mais utilizados pelos(as) autores(as). Os artigos de revisão, apesar de maiores em extensão, utilizam em menor proporção do que os artigos experimentais e teóricos os adjuntos modais realizados por advérbios simples. Isto pode indicar que os artigos de revisão permitem em menor grau a construção de significados de posicionamento e avaliação da autoria, uma vez que têm como objetivo central apresentar o percurso histórico de um campo teórico, sem exigir o uso recorrente de estratégias interpessoais de posicionamento da autoria em prol do convencimento do público-alvo. Os artigos experimentais e teóricos, por outro lado, têm como objetivos centrais convencer o(a) leitor(a) acerca do acerto e da validade das hipóteses apresentadas pelos(as) autores(as) e dos argumentos que as sustentam, requisitando, pois, com maior relevância o uso de estratégias para construção de significados interpessoais e dos adjuntos modais por consequência.

Quanto aos tipos de adjuntos que mais foram utilizados pelos(as) autores(as) dos artigos, podemos sugerir que, de uma forma geral, os(as) autores(as) dos artigos experimentais, teóricos e de revisão utilizaram o recurso da negação e do grau de intensificação sobre o conteúdo proposicional como

as duas estratégias mais recorrentes para a construção do posicionamento da autoria por meio do uso de adjuntos modais. Por outro lado, os artigos experimentais e teóricos também apresentaram com bastante recorrência o uso dos adjuntos de validade que circunscrevem o campo de validação do conteúdo proposicional. Os artigos de revisão, por sua vez, apresentaram os adjuntos modais de tempo como o terceiro tipo de adjunto mais significativamente utilizado pelos(as) autores(as). É válido, ainda, ressaltar que somente os artigos experimentais apresentaram um percentual significativo de adjuntos modais de probabilidade, e apenas os artigos teóricos apresentaram um percentual significativo de adjuntos modais de suposição.

Apesar de os artigos teóricos e de revisão de literatura se assemelharem no que diz respeito à sua organização retórica, uma vez que apresentam as unidades retóricas Introdução, Revisão de Literatura e Considerações finais, mas não apresentam as unidades retóricas de Metodologia e Resultados e Discussão dos Dados, como o fazem os artigos experimentais, estes artigos parecem diferenciar-se no que diz respeito ao uso de recursos interpessoais de construção de posicionamento e avaliação da autoria. Quanto a esse quesito, os artigos teóricos se aproximam, sobremaneira, dos artigos experimentais. Assim, podemos inferir que os artigos experimentais e teóricos permitem e, diríamos, requisitam maior utilização de significados interpessoais de posicionamento da autoria do que os artigos de revisão de literatura.

Desta maneira, os resultados sugerem a confirmação de que os artigos experimentais, teóricos e de revisão diferem não somente quanto aos seus objetivos e organização retórica, mas também quanto aos recursos utilizados pelos(as) autores(as) para construir significados interpessoais.

De uma forma geral, os percentuais de frequência dos adjuntos modais nos *corpora* referendam a ideia de que o discurso científico não se constitui simplesmente em um espaço para apresentação de informações. Esse discurso é, antes de tudo, um espaço de construção e negociação de significados, de alianças e disputas entre pares de uma cultura disciplinar.

Referências

- ARAÚJO, A. D. *Identidade e subjetividade no discurso acadêmico: explorando práticas discursivas*. Questões de Linguística (Aplicada). Fortaleza: Ed. UECE/UFC, 2003.
- BALLOCO, A. E. Identity Academic Discourse: Constructing an Insider's Ethos in Prose about Literature. *Trab. Ling. Aplic.* Campinas, n. 40, p. 17-28, jul.-dez. 2002.
- BERNARDINO, C. G. Artigo acadêmico: espaço de posicionamentos e negociações. *Polissema: Revista de Letras do ISCAP*. Cidade do Porto, n. 6, p. 65-84, 2006.
- BLOOR, T.; BLOOR, M. *The Functional Analysis of English: a Hallidayan Approach*. London: ARNOLD, 1995.
- CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Pontes, 1991.
- CROMPTON, P. Hedging in Academic Writing: Some Theoretical Problems. *English for Specific Purpose*, v. 16, n. 4, p. 271-287, 1997.
- EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London; New York: Continuum, 1994.
- FIGUEIREDO-SILVA, M. I. R. de. *Teaching Academic Reading: Some Initial Findings from a Session on Hedging*. Texto apresentado para conferência no Departamento de Linguística Aplicada e Teórica da Universidade de Edinburgh. 2001.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold 2004.
- HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 108-129.
- HUNSTON, S.; THOMPSON, G. *Evaluation in Text: Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- HYLAND, K. Boosting, Hedging and Negotiation of Academic Knowledge. *Text*, v. 18, n. 3, p. 349-382, 1998.
- HYLAND, K. *Disciplinary Discourse: Social Interactions in Academic Writing*. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.

- MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; PAINTER, C. *Working with Functional Grammar*. London: Arnold, 1997.
- MYERS, G. The Pragmatics of Politeness in Scientific Articles. *Applied Linguistics*, v. 10, n. 1, p.1-33, 1999.
- SWALES, J. M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SWALES, J. M. *Research Genres: Explorations and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*. London: Arnold, 2002.
- VARTALLA, T. Remarks on the Communicative Functions of Hedging in Popular Scientific and Specialist Research Articles on Medicine. *English for Especific Purpose*, v. 18, n. 2, p. 177-200, 1999.
- WHITE, P. R. R. Beyond Modality and Hedging: a Dialogic View of the Language of Intersubjective Stance. *Text*, v. 23, n. 2, p. 259-284, 2003.

Recebido em 20/3/2012. Aprovado em 1/6/2012